



VII Simpósio Nacional de História Cultural HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES

Universidade de São Paulo – USP

São Paulo – SP

10 e 14 de Novembro de 2014

TEATRALIDADE DO ESPAÇO NO FOTOJORNALISMO BRASILEIRO: CIDADE E APAGAMENTO DE PAPÉIS SOCIAIS NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Gutemberg Medeiros*

Iuri Lotman dedicou o estudo “Símbolos de Petersburgo y problemas de semiótica urbana” a elementos que nos auxilia na melhor compreensão do papel das urbes na construção de determinado campo semiótico de uma sociedade. De início, afirma que a cidade tem papel especial no sistema de símbolos elaborado pela história da cultura.

O pensador elenca categorias de cidade em relação ao seu campo semiótico, como a cidade excêntrica localizada em um dos extremos do espaço cultural, seja à beira-mar ou desembocadura de rio. Este é o caso de São Petersburgo e podemos pensar em um paralelo possível em relação ao Rio de Janeiro. Com a grande diferença de que a ex-capital russa foi erguida do zero, mas a brasileira passou pelo mesmo apagamento de uma história em nome de assumir toda uma semiosfera¹ diferenciada europeia. A cidade é,

* Gutemberg Medeiros é jornalista, doutor pela ECA-USP e pesquisador do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos do Livro e da Edição da ECA/USP.

¹ Semiosfera foi um conceito elaborado por Lotman, a partir de artigo publicado originalmente em 1984, para expressar um determinado espaço semiótico e a relação espaço-temporal entre diversos textos ou sistemas signíficos que o compõe. A semiosfera é um *continuum* semiótico de textos ou objetos ou formações semióticas de vários tipos e níveis de organização (LOTMAN, 1996, p. 22 e ss.). Como um conjunto de diferentes textos e linguagens, fechados uns em relação aos outros, este espaço semiótico pode ser considerado como um mecanismo único, senão como um organismo. Seja composta de textos em linguagens verbais e/ou não-verbais, a semiosfera é caracterizada por elementos específicos: delimitação e irregularidade semiótica. O *caráter delimitado* determina homogeneidade e individualidade semióticas.

para Lotman, um complexo mecanismo semiótico gerador de cultura e nela se “mezclan un sinfín de textos y códigos heterogêneos, pertenecientes a diferentes lenguas y niveles”. Para ele, há poliglotismo semiótico a combinar códigos e textos distintos, a cidade promove hibridizações, recodificações e traduções semióticas que a transformam em poderoso gerador de nova informação. Logo,

las construcciones arquitectónicas, los rituales y ceremonias urbanos, e propio plan de la ciudad y miles de otros restos de épocas pasadas actúan como programas codificados que generan de nuevo permanentemente los textos del pasado histórico. La ciudad es un mecanismo que recrea otra vez su pasado [para sintetizar que] Ciudad y cultura se oponen al tiempo (LOTMAN, 2004, p. 11-12).

No caso do Rio de Janeiro do bota-abaixo, a tentativa foi a de apagamento de seu passado de cidade lusitana onde as classes subalternas e as elites viviam no mesmo espaço urbano. Nos casarios, os escravos viviam nos porões e os senhores nos andares superiores. Com o trabalho livre no centro da cidade, os operários residiam em cortiços ao lado das fábricas. Dessa maneira, observamos que a classe dominante necessita de um lugar, a exemplo da Paris de Haussman, para ser o cenário de sua atuação social, sem a presença das classes subalternas. O que está bem expresso na matéria “Através da Avenida” ou nas iniciativas de higienização do centro carioca. A pauta principal daquela reportagem focaliza a *toilette* feminina tanto no texto verbal quanto no não-verbal – as fotografias.

É interessante observar a ocorrência de uma instabilidade de semiosferas na constituição desse campo semiótico tradutor dos valores da elite. Se no contexto do Rio de Janeiro é o desfile elegante de roupas caras em delimitação de semiosfera central que não aceita ser invadida pela periferia, verificamos que esse vestuário advém das *maisons* francesas. Nesse Se o glamour da classe dominante brasileira configura uma semiosfera central dentro de seu contexto, ao mesmo tempo, acusa a condição periférica dessa mesma semiosfera em relação à cultura da França.

Isto encontra similaridade com o que Lotman cita como outra particularidade do espaço petersburguês, seu caráter teatral. O estilo de seus grandes conjuntos arquitetônicos cria a sensação de cenário, de decoração. A mesma sensação com o centro do Rio de Janeiro com os imponentes palácios ou altos edifícios foi despertada em jornalistas e arquitetos.

A teatralidade do espaço de São Petersburgo era manifesta em sua divisão de cenários e bastidores. Instaurou-se a permanente presença do espectador, mas “advertir su presencia significaría infringir las reglas del juego” (LOTMAN, 1994, p. 15). Por extensão, os bastidores eram os espaços invisíveis, ele não existe quando se olha o palco. No caso carioca, o palco era a Avenida Central, sempre convidativa ao olhar. Já os morros e os subúrbios eram o exílio interno da urbe relegada aos pobres condenados à invisibilidade proporcionada pela Modernidade – presentes tanto nas produções de Lima Barreto quanto nas de João do Rio. Lotman explicita bem a dualidade do espaço do palco/espaço dos bastidores.

Existió el Petersburgo de Pedro el Grande, que cumple con su papel de divinidad protectora de “su” Petersburgo, *deus implicitus* invisiblemente presente en su creación, y el Petersburgo del funcionario, del pobre, del marginado. Estas figuras tenían “sus” calles, barrios y espacios propios, aunque en circunstancias extraordinarias podían encontrarse. (Idem, p. 18)

O pensador russo Milhail Bakhtin sustentava que todo e qualquer discurso é formado especialmente não apenas do que é dito, mas o que é pressuposto. Seja entre falantes ou instâncias sociais várias, estabelece-se um (con)trato social de que determinados sentidos são de domínio de todas as partes envolvidas. Ou seja, o silêncio é eloquente. Talvez um dos espaços ou arenas de vozes onde mais a pressuposição está presente é o da imprensa. Há anos é diária a menção do termo “mensalão” sem ser vista a necessidade de se abrir retranscrições explicativas explicando a que se refere. Ler criticamente jornal é, primordialmente, um ato de tradução e/ou atribuição de sentidos e esta postura é especialmente complexa quanto mais o tempo passa, quando se faz necessário uma arqueologia de sentidos para se apreender as variadas possibilidades polissêmicas envolvidas.

ESSE TROPEL DE POVO DESREGRADO

Para uma clara a noção dos textos verbais e não verbais pressupostos nos dois objetos midiáticos em questão, faz-se necessário a visão geral do momento histórico e dos valores ou sentidos em jogo. A Modernidade aporta no Brasil na primeira década do século passado a partir de coincidência histórica entre seus dois principais textos ou semiosferas: a imprensa e a reforma urbanística. A concepção de metrópole moderna é a da Paris do século XIX.

Ao longo do século XIX, o Rio de Janeiro é visto como cidade árabe, com seu comércio barulhento e intenso, suas casas baixas e ruas “atravancadas e sujas, destituídas de simetria, ou então a uma cidade africana, devido à multidão de negros que por ela circulavam, movimentando todas as engrenagens do universo do trabalho urbano” (BENCHIMOL, p. 27).

Uma característica foi a tradição dos negros de ganho. Os escravos ficavam o dia todo nas ruas oferecendo seus serviços a terceiros, desde mão de obra até vendedores de produtos como vassouras, comidas, cestos e outros. À noite, voltavam às casas de seus senhores a quem entregavam grande parte da renda e o que restava juntavam para comprar a própria carta de alforria. Uma parte significativa da população livre não trabalhava. O exército trabalhador que habitava as ruas era composto por latoeiros, carpinteiros, pedreiros, calceteiros, impressores, pintores de tabuleta, ornamentação, construtores de móveis, carruagens e lampiões, artífices em prata, joalheiros e litógrafos.

Entre o fim do tráfico negreiro (1830) e os anos 70, houve uma mudança muito rápida da mão de obra escrava passando à livre assalariada. Crescia a concentração desta população nos limites do centro velho, ali trabalhando e morando seguindo os mesmos moldes agrários da casa grande e senzala. Aproveitando-se desta mão de obra abundante, houve verdadeira explosão de oficinas e pequenas manufaturas. Este movimento gerou o aumento de cortiços, casas de cômodos, estalagens e hospedarias. Tal cenário gerou o aumento do número de armazéns e estabelecimentos varejistas.

Desde 1850, surgiram várias propostas de remodelação do Rio de Janeiro, especialmente a partir de recomendações de médicos higienistas no combate às sucessivas epidemias como cólera e febra amarela. Apoiando no que se entendia como saúde pública, crescia a tendência de certos círculos médicos debaterem a erradicação a desenfreada explosão habitacional do centro, tanto em número de pessoas quanto de habitações impróprias. Tomam corpo propostas de construção de casas higiênicas, alargamento e abertura de ruas e praças, arborização, instalação de rede de esgoto e de água, manutenção de asseio em mercados e matadouros, criação de lugares próprios para despejos de lixo entre outras providências (BENCHIMOL, p. 117).

A europeização republicana, uma das marcas mais importantes da semiosfera da Modernidade no Brasil, alcança altos índices. Acredita-se que se criando um cenário “civilizado” também vai se importar o surto desenvolvimentista dos grandes centros industriais da Europa. Nesse diapasão, o traçado das cidades se modifica intensamente:

“Os antigos casarões tornaram-se para êle [o carioca] o feio e forte e as igrejas douradas são apenas sobrecarregadas e de mau gosto, numa cópia de Luís XV por mulatos bisonhos” (Ibidem, p. 186).

Em 1902, o engenheiro Francisco Pereira Passos assume a prefeitura do Rio de Janeiro, cuja uma das metas é reformular a cidade para que seja orgulho para o país e não uma vitrine deplorável de epidemias. O programa urbanístico de Haussman foi realizado também sob condições políticas similares ao do Rio de Janeiro, em governo ditatorial sob a monarquia restaurada, reagindo amplamente contra as revoltas de 1848, mais conhecidas como Comuna de Paris. A brasileira ocorreu com a República tendo à frente governantes militares. O centro de Paris também era composto de ruelas, muitas nada retas, que ofereceram um campo de batalha ideal para as barricadas dos trabalhadores durante a sangrenta Comuna. O plano de Haussman, de rasgar a cidade com amplas e retas avenidas visava evitar o ambiente anterior propício a revoltas populares.

Semelhante movimento de anseio de metropolitização não foi exclusivo do Rio de Janeiro no contexto da América Latina, tal semiosfera europeia tomava todos os seus países desde 1880. A vertigem do progresso, como apontou o historiador argentino José Luis Romero, traduziu-se em transformações urbanísticas nas capitais que eram, ao mesmo tempo, portos: Rio de Janeiro, Montevideu, Buenos Aires, Panamá, Havana e San Juan de Porto Rico. Todas em contato direto com o exterior, cuja intensa atividade econômica se desenvolvia em paralelo às sedes políticas e administrativas.

El ejemplo del barón de Haussman y de su impulso demoledor alimentó la decisión de las nuevas burguesías que querían borrar con su pasado, y algunas ciudades comenzaron a transformar su fisonomía: una suntuosa avenida, un parque, un paseo de carruajes, un lujoso teatro, una arquitectura moderna, revelaron esa decisión aun cuando lograran siempre desvanecer el fantasma de la vieja ciudad. Pero las burguesías podían alimentar sus ilusiones encerrándose en los ambientes sofisticados de un club hermético o un restaurant de lujo. Allí se participaban los pasos que transmutarían a “la gran aldea” en una moderna metrópoli. (ROMERO, p. 249)

O que se excluía era o passado colonial em nome do estabelecimento das formas da vida moderna. Esse padrão não se limitava ao traçado de ruas, avenidas e demais logradouros, seguia ainda modelo arquitetônico específico.

El audaz principio de la modernización de las ciudades fue la ruptura del casco antiguo, tanto para ensanchar sus calles como para establecer fáciles comunicaciones con las nuevas áreas edificadas. Pero dentro de

ese esquema se introducía una vocación barroca – un barroco burgués – que se manifestaba en la preferencia por los edificios públicos monumentales con una amplia perspectiva, por los monumentos emplazados en lugares destacados y también por una edificación privada suntuosa y de aire señorial. Extensos parques, grandes avenidas, servicios públicos modernos y eficaces debían “asombrar al viajero”, según una reiterada frase de comienzos del siglo XX. (Idem, p. 249)

A aparência suntuosa e monumental não é apenas para surpreender o viajante, mas ainda delimita claramente, pela linguagem não verbal da arquitetura, a quem se presta semelhante conjunto de prédios que tomam os o coração das metrópoles latino-americanas: os segmentos de classe dominante. Por exemplo, Lima Barreto² deixou registrado em crônica que não tinha roupa para frequentar a nova sede da Biblioteca Nacional inaugurada em 1911, palacete formado de mármore e cristais.

Não apenas as decisões são de cima para baixo, mas toda uma ordem se estabelece na sociedade a ponto de eleger a Avenida Central, maior símbolo dessa metropolização, a passarela dos brancos da classe dominante ou letrados que a ela dão sustentação direta ou indiretamente. Um exemplo claro está em um dos seus maiores entusiastas, Olavo Bilac³, ao ficar indignado quando viu o povo invadir a nova avenida na religiosa Festa da Penha, (revista *Kosmos*, 1908). O jornalista inicia o texto afirmando que há “tradições grosseiras, irritantes, bestiais, que devem ser impiedosa e inexoravelmente demolidas, porque envergonham a Civilização” (Dimas, p. 371). A seguir, Bilac afirma:

[...] a ignóbil Festa da Penha, que todos os anos, neste mês de outubro, reproduz no Rio de Janeiro, as cenas mais tristes das velhas saturnais romanas, transbordamentos tumultuosos e alucinados dos instintos da gentilha. [...] a festa foi tão brutal, tão desordenada, assinalada por tantas vergonhas e por tantos crimes, que *não parecia folguedo da idade moderna, no seio de uma cidade civilizada*. (DIMAS, p. 370) [grifo nosso]

² Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) foi jornalista e escritor tendo atuado nos principais veículos cariocas como *Fon-Fon*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Commercio*, *Gazeta da Tarde*, *ABC*, *Careta*, *O País* e outros. Entre as suas principais obras estão *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* além de coletâneas de crônicas e contos.

³ Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918) foi jornalista, poeta, prosador e professor. Membro-fundador da Academia Brasileira de Letras, colaborou com os periódicos *Cidade do Rio*, *Gazeta de Notícias*, *O Combate*, *A Cigarra*, *Kosmos* e outros. A sua poesia foi um dos ápices da fase parnasiana.

Bilac descreve o que viu ao elegante leitor, haja vista o fato da *Kosmos* ser uma das revistas ilustradas mais refinadas no cenário da imprensa da época:

É que esses carros e carroções, enfeitados com colchas de chita, puxados por muare ajaezados de festões, cheios de gente ébria e vociferante, passeando pela cidade a sua escandalosa bruega; esses bandos de romeiros cambaleantes, com o chapéu esmagado ao peso das moscas, o peito cheio de medalhas de papel, e beijando a efígie da Nossa Senhora da Penha com os beijos besuntados de zurrapa; esse alarido, esse tropel de povo desregrado; todo esse espetáculo de desvaírada e bruta desordem ainda se podia compreender no velho Rio de Janeiro de ruas tortas, de betesgas escuras, de becos sórdidos. Mas no Rio de Janeiro de hoje, o espetáculo choca e revolta como um disparate... Num dos últimos domingos, vi passar pela Avenida Central um carroção atulhado de romeiros da Penha: naquele amplo *Boulevard* esplêndido, sobre o asfalto polido, entre as fachadas ricas dos prédios altos, entre as carruagens e os automóveis que desfilam [...] me deu a impressão de um monstruoso anacronismo: era a ressurreição da barbárie, – era a cidade selvagem que voltava, como uma alma do outro mundo, vindo perturbar e envergonhar a vida da idade civilizada... [...] acabada a festa, a multidão desvaírada transborda, como uma enxurrada vitoriosa para o centro da *urbs*, – as navalhas, os cacetes, e os revólveres, que não acharam exercício lá em cima, vêm exercitar-se cá em baixo... (Idem, p. 370)

Em suma, a metropolização do Rio de Janeiro na tentativa modelar em relação a Paris tem seu efeito original de higienização classista ao exterminar o pobre deste novo cenário. Mas há o agravante racista, Não são apenas pobres, mas mulatos e negros que são exilados em diáspora do centro velho. Mas de um terço da população da urbe vai se refugiar à margem da capital, passando a habitar os morros – originando o fenômeno das favelas – ou a alta periferia.

FIM DO CÁRCERE PRIVADO

Até o advento da República, o espaço público era algo vedado às mulheres brancas. Elas viviam confinadas ao espaço privado. Só poderiam ter às ruas em trânsito e acompanhadas de um homem – seja pai, irmão ou marido. Apenas as negras de ganho ou pobres em geral tinham lugar no espaço público. Entre as matérias jornalísticas geradas após a inauguração da Avenida Central, localizamos em nossa pesquisa como exemplar a publicada pela *Leitura para todos: magazine mensal ilustrado*, na ascendente modalidade de revistas ilustradas que surgiram no início do século XX devido aos

avanços tecnológicos, especialmente em termos de publicação de fotografias – textos não verbais como ilustrações e charges em geral.

Esta é a matéria principal do referido exemplar, intitulada “Através da Avenida” – não assinada – somando 11 páginas. Este periódico visava a ser leitura, como o próprio nome indica, para toda a família carioca. De início, chama a atenção o fato de que todas as páginas contam com fotografia, constituindo mais da metade do material gerado em relação ao texto verbal. A primeira página é ilustrada com a calçada da Confeitaria Castellões, às 17 horas, um dos principais pontos de encontro da Avenida Central. Entre as fotografias, as cenas mais presentes são de passeios na avenida, destacando senhoras e cavalheiros a desfilar em finas vestimentas da última moda conhecida diretamente de Paris, como se pode ver nas páginas 2, 3, 4, 6, 7, 9 e 10. Dos 22 clichês publicados, 12 são dedicados a este tipo de enquadramento. Isto é, a reportagem fotográfica imprime o espírito prioritário ao novo logradouro circunscrevendo-o a uma passarela dos segmentos de classe dominante ou dos profissionais liberais incluídos na nova ordem econômica e social brasileira de viés europeu e norte-americano. O texto verbal da matéria não é diferente.

Composta na primeira pessoa do plural, o primeiro parágrafo da matéria, que funciona aos olhos de hoje como um “olho” – inclusive com formatação diferenciada em relação ao resto do texto em itálico e em apenas uma coluna em relação às duas do resto da reportagem – informa que a Avenida Central é “uma das mais bellas que se conhecem nas cidades modernas”. Os dois quilômetros de avenida, toda edificada, encantam pela “variedade de aspectos que offerece e pela sucessão de scenarios”. Dessa maneira, emerge outra marca da Modernidade estabelecida na diversidade de características ao demonstrar este logradouro como se fosse um grande teatro com vários palcos e cenografias próprias. A Avenida Central é para ser vista, admirada e desejada.

O primeiro parágrafo da matéria também já estabelece a Avenida como a “formula symbolica” que exprime as grandes transformações e “melhoramentos materiaes” da urbe. No parágrafo seguinte, lança-se a pergunta: “Com que intuito se fez tal obra?”. Em primeiro lugar, como uma via ampla de acesso à reformulação e ampliação do novo porto. Assume-se que a grande avenida foi necessária para pôr abaixo a cidade velha, feita de “ruas estreitas, beccos e viellas”, e a isto se somam alusões ao programa de saneamento do governo “elemento da salubridade, trazendo ar fresco e luz para o centro dos velhos quarteirões, apinhados e malsãos” – nos permitindo constatar o discurso

da assepsia urbanística, outra marca da Modernidade. Diante disso, não importam as críticas recebidas, pois “Tudo isto é humano, tudo isto é necessário ao progresso”.

Um dos principais momentos da matéria surge na terceira página, quando se afirma que o governo não pensou, mas aconteceram transformações de forma rápida e radical nos “costumes fluminenses”. Destaca-se que nada parecido teria acontecido anteriormente, mudando não apenas o “aspecto physico” da sociedade, mas atingido principalmente “a sua physionomia moral” (“Através da Avenida”, p. 3). A partir dessa afirmação, a matéria entra em extensa digressão sobre a adaptabilidade do homem à natureza, quando não a transforma conforme os seus interesses, outra marca importante da semiosfera da Modernidade. Em seguida, retoma-se a afirmação de que não há notícia de tão grande transformação ocorrida em uma urbe. A imediata adaptação do carioca à nova realidade seria “a melhor prova que se pôde tirar da nossa capacidade de progresso, porque o progresso não é mais que uma serie de adaptações sucessivas. Quanto mais adaptavel, mais progressista é um povo” (Idem, p. 6).

Os cafés transbordam para as calçadas e “os desocupados resolveram passeiar, e o centro da cidade tornou-se de um nunca visto movimento de gentes chics” (p. 6). É interessante observarmos a ligação entre os desocupados e os “chics”, pois nos lembra a parte substancial dos brancos do Rio de Janeiro que não trabalhava para seu sustento durante a monarquia, sendo mantidos pelos “negros de ganho” – um momrento de pressuposição velada de ordem classista. O texto jornalístico continua afirmando que a necessidade de mudança deu-se exclusivamente pela explosão populacional: “Depois, esse numero cresceu, cresceu vertiginosamente” (Ibidem, p. 7). Relembramos que o termo “vertigem” faz parte do texto da Modernidade, especialmente no Rio de Janeiro da época. Basta recordarmos de Olavo Bilac, citado anteriormente neste capítulo, ou do título de uma coletânea de crônicas de João do Rio, “Vida vertiginosa” (1911).

Entre várias passagens deste texto, verificamos como o teor da informação realmente emergiu no jornalismo moderno. Por exemplo, argumenta-se que o “Rio de Janeiro de um milhão de habitantes tinha o mesmo local de *rendez-vous* que o Rio de Janeiro de 300.00 mil [sic] habitantes – a Rua do Ouvidor” (p. 7). Depreende-se que os trabalhadores voltavam rapidamente para casa ou os que nela estavam não saíam, por absoluta falta de opção de lazer. Após a abertura da Avenida Central e do alargamento da ruas Uruguayana, Sete de Setembro, Assembléa, Carioca, S. Joaquim – exatamente nesta ordem de enumeração – há o fluxo de uma “massa de gente” em trânsito que não

comportaria a rua do Ouvidor. E se intensifica ainda mais essa mudança de paradigma a partir do urbanismo: “E mais impossível [destaque no texto] parece: que toda a vida mundana da rua, toda a vida intelectual, publica, elegante, tivesse o seu centro exclusivo na rua do Ouvidor!” (p. 9).

A questão do lugar da mulher na Modernidade é exposta no auge da matéria. Entre outras formas para desqualificar a antiga rua, expõe-se como a mulher começa a ocupar o espaço público, importante quesito de comportamento contemporâneo:

Deram-lhe ar, luz, elegância, e a possibilidade de uma vida realmente urbana. As senhoras já podem sair e vagar pelo centro da cidade, sem o desgosto de atravessar a via-sacra da rua do Ouvidor, roçando, de um extremo ao outro, pelos braços e pelas pernas dos malcriados e bolinas que, com esse intuito, ali se apinhavam; os homens que desejavam ver o mundo, e têm prazer de contemplar de perto a actividade e a novidade, já podem estar na rua sem a necessidade de se converterem em estafermos, parados pelas portas. (p. 9)

Segundo a matéria, o novo traçado urbanístico provocou uma assepsia moral para que a mulher pudesse transitar pelo espaço público com segurança similar ao do espaço privado. Consideramos este momento como o ápice da matéria por dialogar diretamente com o texto não verbal aludido acima, pois os instantâneos expressam senhoras com finas *toilettes* a passear pelas ruas do novo centro da capital. Outro ícone da Modernidade é agregado ao espaço urbano remodelado por completo: o automóvel. Ou seja, a possibilidade de rápido deslocamento no espaço urbano: “Estar na cidade, jantar em casa, refazer a toilette, voltar à cidade...” p. 9).

Em suma, este “nós” sobre a qual é construída a matéria são os segmentos da sociedade mais privilegiados – no mínimo, a partir de classe média. O seu ápice incide na questão feminina, apesar de se dirigir e ser de interesse da família como um todo. A partir disso, compreende-se que a verdadeira “pauta” é como a mulher pode sair às ruas e assumir um lugar no espaço público, apesar de limitado. O que já seria um avanço considerável em relação aos costumes do Rio de Janeiro antigo, quando a mulher deveria ser encerrada no espaço privado – exceto as “malnascidas”, cujo sustento deveria ser buscado fora de casa.

Até onde nossa pesquisa avançou, talvez a primeira fotorreportagem totalmente não verbal publicada na imprensa brasileira seja a intitulada “Instantaneos da Avenida” na capa da *Gazeta de Notícias* de 13 de março de 1910. José Veríssimo⁴ aponta o lançamento de *Gazeta de Notícias* inaugurou no Brasil “o jornal barato, popular, livre de compromissos partidários ou similares, e também o jornal fácil de fazer, sem systema na distribuição de matéria, á portuguesa” (VERÍSSIMO, p. 41). Dos jornais criados em 1875, este foi o único que se manteve até o começo do século XX. Na mesma época, foram fundados outros veículos dedicados a “pequenas notícias”, de venda avulsa e baratos, mas sem o mesmo êxito. Até os a década de 1930 do século passado, manteve-se como um dos principais jornais da capital da República. Salvaguardando-se as devidas proporções, era equivalente ao *Valor Econômico* de hoje, especialmente dedicado aos segmentos de economia e negócios.

Este jornal diário foi, até onde se sabe, o primeiro a instaurar as bases do moderno jornalismo norte-americano e francês do século XIX entre nós. A primeira particularidade para esta mídia de grande porte foi a alta tiragem para diminuir cada vez mais o preço por unidade – para alcançar os bolsos dos mais diversos portes. Esta primeira característica fundamental é fortemente baseada no quesito tecnologia – em altos investimentos de gráfica também para se tirar impressões a quatro cores de ilustrações e, a partir dos 1900, a de fotografia jornalística. A ponto de o próprio jornal divulgar que tem o mesmo pelo valorativo a reportagem de campo informativa (discurso verbal) em relação às ilustrações várias (não verbal) (MEDEIROS, 2013). Esta gazeta também foi o introdutor da reportagem na imprensa nacional, introduzida por João do Rio nos moldes do espaço midiático francês⁵.

Lembro a primeira impressão quando vi esta página de jornal com estas nove fotografias em pleno coração da primeira página. Busquei qualquer relação com o seu entorno verbal, além do título. Nada. Boa parte da página é emoldurada por uma crônica de João do Rio em mais um exemplo de recorrente metajornalismo na época. Com a explosão do novo modo de compor o espaço midiático, realmente inovador e até

⁴ José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916) foi jornalista, professor, educador, crítico, historiador literário e fundador da cadeira nº. 18 da Academia Brasileira de Letras. Com Araripe Júnior e Sílvio Romero, Veríssimo dividiu o posto de maior expoente na crítica literária chamada de naturalista.

⁵ João do Rio foi o pseudônimo mais conhecido de Paulo Barreto (João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, 1881-1921). Foi jornalista, cronista, contista e teatrólogo. Entre as suas primeiras reportagens temáticas destacam-se *As religiões do Rio*, *A alma encantadora das Ruas* e *Momento Literário*.

traumático, se estabeleceu um amplo debate de jornalistas e escritores sobre essa nova realidade nas duas primeiras décadas do século. E não apenas nas páginas de jornal diário ou revista, mas se espalhou até em contos, romances e peças de teatro⁶. Logo abaixo das fotografias, um soneto de Osório Dutra também sem relação com as mesmas.

As fotos formam um todo em si, se bastam. Para decodificá-las, é necessário observar aspectos determinados. Essa capa, para a *Gazeta de Notícias*, é fora dos padrões usuais por ser de uma edição de domingo. Geralmente, as capas são dedicadas a temas relacionados ao comércio e indústria dado ser um veículo mais dedicado a estes setores. Esse também é um indício de pressuposição sutil. Pois de segunda-feira a sábado era um jornal a ser lido fora do espaço privado, nos locais de trabalho. Domingo, dia tradicional de descanso, transforma-se o jornal para ocupar o espaço privado. Ou seja, de possível leitura não apenas para o homem, o chefe de família, mas para a esposa também. O lugar onde esse objeto se insere o delimita. A partir daí, compreende-se o motivo de trazer uma crônica de João do Rio para a capa do jornal.

Ante o que foi levantado de elementos da época até aqui, podemos concluir que essa capa foi provavelmente pensada para a esposa do leitor padrão desse jornal. Todas as fotos expressam o que era muito comum na época, a exemplo da matéria de *Para todos*, em variações sobre o mesmo tema: damas em passeio pela Avenida Central. Aliás, como alude o título.

O paralelismo entre ambos os objetos midiáticos saltam aos olhos no sentido que na narrativa imagética da *Gazeta* onde todas enquadram mulheres sem companhia masculina. Isto é, há o pressuposto de que esta é a passarela onde elas podem ser vistas com as suas toillettes parisienses. São uma série de textos verbais e não verbais da época que se entrecruzam aos olhos da leitora, bombardeada dessa significação da Avenida Central. Ou o jornal fala com a senhora que já faz parte desse universo ou a que pretende ascender ao mesmo – enfim, uma narrativa imagética cuja matéria prima são os desejos imanentes da época. Elemento presente até hoje na imprensa.

⁶ Trata-se da crônica “Esplendor e miséria do jornalismo”, em flagrante alusão ao clássico *Esplendor e miséria das cortesãs* de Honoré de Balzac. Em sua vasta produção, talvez João do Rio foi um dos mais intensos neste debate do metajornalismo, chegando até a problematizar a extrema qualificação do novo profissional de imprensa, o repórter, miseravelmente pago por seu ofício cotidiano – isso em texto no próprio *Gazeta de Notícias*. Outro exemplo dos mais eloquentes fica para *Recordações do escrivão Isaías Caminha* de Lima Barreto.

O silenciamento pressuposto aqui é pelo que não enquadrado, o indisponível no campo visual não apenas das fotografias, mas do próprio plano urbanístico vitorioso que expressa um projeto de país excludente na República nascente. Os negros ou quase negros ou quase brancos não estão aí. Mas nos morros e alta periferia, exilados desse horizonte provável.

A recorrência simbólica da Avenida Central gerou uma espécie de inflação imagética, um desvalor da informação visual dada a sua extrema replicação. Isto foi constatado em na crônica “Clic! Clic! Photographo”, na coluna *Pall-Mall Rio* de João do Rio, de 1917. Uma senhora, em plena Avenida Central, tenta driblar um fotógrafo posicionado com “o kodack” em punho. Ele pede licença, diz que a chapa é para uma revista ilustrada. Até que ela concorda e “ficou de pé, numa pose de ave real, sorrindo, enquanto o moço louro de novo kodackizava” (RIO, 1917, p. 212-213). A madame em questão quer ser fotografada, a tentativa de fuga foi um mascaramento de suas intenções verdadeiras, um pequeno cabonitismo do cotidiano. Além disso, verifica-se a presença de personificação designando a condição de ação para um produto, no caso, o nome de um dos maiores fabricantes no lugar de câmera fotográfica. Na sequência, o jornalista diagnostica esta nova realidade também em outros pontos da cidade:

[...] nós temos agora mais um exagero, mais uma doença nervosa: a da informação photographica, a da reportagem photographica, a do dilettantismo photographico, a da exibição photographica – a loucura photographica. [...] não ha propriamente pessoas notaveis cuja physionomia faça necessidade informativa dos jornaes porque não ha cara que não seja publicada. (p. 213)

Entre os aspectos simbólicos do tempo que se encontram neste trecho de metajornalismo, está o discurso cientificista a partir do uso da psicologia, ao categorizar a inflação de fotografias como uma “doença nervosa”. Ainda a repetição obsessiva do termo “photographica”, não usual em João do Rio. Este recurso estilístico expressa, na materialidade do texto, a constância do gesto de clicar que está sendo localizado na sociedade. Por último, o jornalista aponta o resultado desse processo inflacionário, o desvalor das imagens clicadas pois, conforme afirma, os rostos possíveis já foram enquadrados.

Nos objetos midiáticos aqui expostos podemos perceber a pressuposição do universo jornalístico, especialmente em relação aos seus textos não verbais em fotojornalismo. Tão importante do que é focado é o não enquadrado, a ausência aparente

que remete aos vários textos no entorno de suas materialidades textuais. Desafios mais do que atuais nessa nova fase do jornalismo on-line que se inicia e onde tudo está por fazer. Mais uma vez, o motor do espaço midiático está na tecnologia. Resta o desafio de se equacionar, nesta nova ordem, o humano, demasiadamente humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

“Através da Avenida”. *Leitura para todos* – Magazine mensal ilustrado, Rio de Janeiro, anno 2, nº 16, junho de 1907, p. 1-11.

“Instantaneos da Avenida”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 de março de 1910, p. 1.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussman Tropical: a renovação urbana na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1990.

DIMAS, Antonio (org.). *Bilac, Jornalista: Crônicas: volume 2*. São Paulo: Edusp, 2006.

LOTMAN, Iuri. “Símbolos de Petersburgo y problemas de semiótica urbana”. In: *Entretextos*. Tradução de Ángel Luis Encinas Moral. nº. 4, noviembre 2004, www.ugr.es/~mcaceres/Entretextos/entre4/petersburgo.htm, acessado em 24/11/2014. LOTMAN, Iuri et al. *La Semiosfera*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.

MEDEIROS, Gutemberg. “Metajornalismo com os diabos e o obsceno em João do Rio”. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 26, p. 122-134, dez. 2013.

RIO, João do. *Pall-Mall Rio: o inverno mundano de 1916*. Rio de Janeiro: Editores Villas-Boas, 1917.

ROMERO, José Luis. *Lationoamérica: las ciudades y las ideas*. Mexico: Siglo Veintiuno, 1976.

VERÍSSIMO, José. “A Imprensa”. In: *Livro do Quarto Centenário (1500-1900)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907, p. 39- 75. (Volume IV).

